

O TOTALITARISMO ORWELLIANO E O PODER DA PROPAGANDA

Érica Fernandes Alves¹

Marisa Corrêa Silva²

RESUMO: O objetivo desse artigo é analisar o romance orwelliano, *1984*, levando em consideração a escrita política de seu autor e o poder que a propaganda empregada pelo partido totalitário exerce no controle da sociedade do romance. Utiliza-se para esta análise as teorias sobre totalitarismo de Arendt (1989), Friedrich e Brzezinski (1963), além das contribuições de Žižek (2000, 2011, 2012, 2013).

Palavras-chave: Totalitarismo; propagandas; partido.

ABSTRACT: This article aims to analyze the Orwellian novel *1984* considering its author's political writing and the power that the propaganda applied by the totalitarian party has in order to control the society of the novel. This article uses the totalitarian studies by Arendt (1989), Friedrich and Brzezinski (1963), in addition to the contributions of Žižek (2000, 2011, 2012, 2013).

Key-words: Totalitarianism; propaganda; party.

1. Orwell, o escritor político

Orwell desde muito jovem mostrou-se engajado e por toda a vida procurou compreender a ascensão dos partidos políticos totalitários que se espalharam na Europa durante a primeira metade do século XX. De acordo com Quinn (2009, p. 232):

Em *1984*, ele [Orwell] imagina um assalto total da verdade por um governo dedicado a controlar o pensamento e a linguagem a tal ponto que um pensamento dissidente se tornaria literalmente impossível. Sua mensagem para seus leitores é que prevenir as regras totalitárias é muito mais fácil que erradicá-las após terem sido estabelecidas (QUINN, 2009, p. 232, tradução nossa).³

Como o próprio escritor comentava, sua vontade era a de transformar a escrita política em arte (ORWELL, 1984). Esse interesse levou-o a escrever vários ensaios, livros não-ficcionais e romances que retrataram os acontecimentos políticos na Europa. Piza (1984, p. 6)

¹ Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) e professora adjunta da mesma instituição.

² Doutora em Letras pela Unesp, com pós-doutorado na Rutgers e professora associada na Universidade Estadual de Maringá (UEM).

³ In *Nineteen Eighty-Four*, he imagines an all-out assault on truth by a government dedicated to controlling thought and language to the extent that a dissident thought would become literally inconceivable. His message for his readers is that preventing totalitarian rule is much easier than eradicating it after it has established itself.

argumenta que Orwell “satirizou o totalitarismo socialista como poucos, com a grande vantagem de jamais aderir à retórica conservadora ou reacionária”. Corroborando essa ideia, Ash comenta que:

George Orwell foi o escritor político mais influente do século 20. É uma afirmação ousada, mas quem poderia competir com ele? Entre os romancistas, talvez Alexander Soljenítsin ou Albert Camus; entre os dramaturgos, Bertolt Brecht. Ou talvez algum filósofo, como Karl Popper, Friedrich von Hayek, Raymond Aron ou Hannah Arendt? Ou o romancista, dramaturgo e filósofo Jean-Paul Sartre, ao qual Orwell chamava em particular de “uma bolsa de ar”? Se os tomarmos um a um, descobriremos que seu impacto individual foi mais limitado, quanto à duração no tempo e ao âmbito geográfico, do que o desse antiquado e efêmero homem de letras inglês (ASH, online, 2001, s/p, grifos do autor).

Orwell se destacou como ensaísta e seus artigos jornalísticos lhe renderam fama de melhor ensaísta que escritor. Todavia, *Animal Farm* e *1984* sobressaíram dessa assertiva. Em um estudo intitulado *A vitória de Orwell*, Christopher Hitchens comenta que o romance *1984* é, na verdade, uma obra inglesa seminal sobre o totalitarismo:

1984 é a única contribuição inglesa à literatura do século XX sobre o totalitarismo, capaz de sustentar-se em comparações com Silone e Koestler, com Serge e Soljenitsin. É uma síntese do que Orwell aprendeu sobre terror e conformismo na Espanha, do que aprendeu sobre subserviência e sadismo na escola e na polícia birmanesa, do que descobriu sobre miséria e degradação em *O caminho para Wigan Pier*, do que aprendeu sobre propaganda e falsidade em décadas de batalhas polêmicas. (HITCHENS, 2002, p. 109).

Quando da publicação de *1984*, Orwell foi duramente criticado por alguns jornais e resenhistas, que insistiram em afirmar que o romance era um ataque ao socialismo inglês e ao Partido Trabalhista Britânico, pelo uso do nome Soving, que representa a sigla do partido totalitário existente na obra. Defendendo-se, Orwell declara que:

Meu novo romance não pretende ser um ataque ao socialismo nem ao Partido Trabalhista Britânico (o qual apoio), e sim desmascarar as perversões a que está sujeita uma economia centralizada e que já se concretizaram parcialmente no comunismo e no fascismo [...]. A ambientação do livro é na Grã-Bretanha para salientar que os povos falantes do inglês não são congenitamente melhores do que quaisquer outros e que o totalitarismo, se

não for combatido, poderá triunfar em qualquer lugar. (ORWEL *apud* HITCHENS, 2002, p. 52).

O romance mais político de Orwell centraliza a ação na personagem Winston Smith, que trabalha no Ministério da Verdade, um dos quatro ministérios que estabelecem o andamento da sociedade da Oceânia. O protagonista desempenha um trabalho bastante importante: o de alterar as notícias, livros e pronunciamentos impressos de acordo com a ideologia do Socing, falsificando registros para que correspondam aos interesses do partido.

Orwell é didático ao indiciar a similitude da função de Winston na construção da realidade em Oceânia com os partidos totalitários da Europa durante a primeira metade do século XX: a manipulação da realidade, o apagamento de informações históricas ou a fabricação de dados/criação de leis e mecanismos em prol da permanência do partido no poder. Na Alemanha nazista, por exemplo, o partido se encarregou de controlar a imprensa, o rádio a televisão, as artes e outros meios de comunicação como forma de incutir na mente da população a devoção completa ao novo líder. A doutrinação das crianças nas escolas sobre a importância do partido nazista e as conquistas por ele alcançadas passou a ser corriqueiro, bem como a manipulação do mito de Siegfried, que foi resgatado da tradição saxônica para tornar-se ícone da juventude alemã.

Há ênfase nas questões relacionadas à propaganda, mídias, discursos e alteração de informações/notícias no romance orwelliano. Pavloski (2014), em artigo sobre *1984*, comenta que “Baudrillard qualifica a mídia, ao mesmo tempo, como um dos principais organismos responsáveis pelo registro histórico e como um dos elementos responsáveis pela artificialização da história enquanto processo” (PAVLOSKI, 2014, p. 16). Tendo isso em vista, bem como a ideia de escrita política de Orwell, o objetivo desse artigo é analisar de que modo o partido totalitário do romance se articula para ter o controle de todas as instâncias daquela sociedade, por meio da manipulação das informações veiculadas à população de Oceânia dos meios de comunicação, tais como a televisão (teletela), as propagandas em cartazes, os discursos políticos, ec. Nossa análise fundamenta-se nas teorias de Arendt (1989) Friedrich e Brzezinski (1963) e Žižek (2000, 2011, 2012, 2013).

2. O controle totalitário em 1984: a manipulação da realidade

Arendt (1989) explica que o sucesso dos governos totalitários se dá a partir de estratégias utilizadas pelo governo para manter a população alienada e desinteressada das decisões políticas. Ela comenta que “o verdadeiro objetivo da propaganda totalitária não é a persuasão, mas a organização” (1989, p. 411) e, para que essa organização se estabelecesse, os responsáveis pela elaboração das propagandas creditavam certo cientificismo a elas, como, por exemplo, números que mostravam resultados positivos e que sugeriam benefícios à população. Tudo o que não interessava aos desígnios do partido totalitário não era veiculado:

O totalitarismo não se contenta em afirmar, apesar de provar em contrário, que o desemprego não existe; elimina de sua propaganda qualquer menção sobre os benefícios para os desempregados. Igualmente importante é o fato de que a recusa em reconhecer o desemprego corrobora – embora de modo inesperado – a velha doutrina socialista de que quem não trabalha não come. Ou, para citar outro exemplo, quando Stalin decidiu reescrever a história da Revolução Russa, a propaganda da sua nova versão consistiu em destruir, juntamente com os livros e documentos, os seus autores e leitores: a publicação, em 1938, da nova história oficial do Partido Comunista assinalou o fim do superexpurgo que havia dizimado toda uma geração de intelectuais soviéticos. (ARENDR, 1989, pp. 390-1).

Quando utilizarmos a palavra “propaganda” neste texto, estaremos nos referindo especificamente à propaganda totalitária que, no romance, aparece veiculada de três maneiras:

- 1) a imagem visual do Grande Irmão espalhada em fotos e cartazes na Oceânia;
- 2) os discursos dos membros do partido interno e do Grande Irmão, diariamente, por meio dos Dois Minutos de Ódio, Semana do Ódio e durante as execuções dos traidores, etc e;
- 3) os anúncios na teletela.

A primeira forma tem um aspecto visível, materializado, que são as fotografias do Grande Irmão espalhadas pela cidade. Juntamente com elas, os *slogans* do partido (*Guerra é Paz, Liberdade é escravidão e Ignorância é força*) e a frase *O Grande irmão está de olho em você*. Mas ela também possui um aspecto mais sutil: lembra a todos de que o Socing é onipresente, e mais: que ele transforma paradoxos em verdades oficiais. A imagem do Grande Irmão é construída como onipotente, deificada pelo próprio poder, ou seja, esses cartazes dão ao cidadão um aviso semelhante ao “*lasciate ogni speranza*” dantesco.

Além dos cartazes, o *slogan* e o rosto do Grande Irmão ou o nome do partido aparecem em quase todos os produtos consumidos pela população, sugerindo que tudo pertence ao Socing. Ao pegar qualquer produto de consumo, os sujeitos se deparam com a realidade controlada em que estão inseridos:

Tirou do bolso uma moeda de vinte e cinco centavos. Ali também, em letras minúsculas e precisas, estavam inscritos os mesmos slogans, e do outro lado da moeda via-se a cabeça do Grande Irmão. Até na moeda os olhos perseguiram a pessoa. Nas moedas, nos selos, nas capas dos livros, em bandeiras, em cartazes e nas embalagens dos maços de cigarro – em toda parte. Sempre aqueles olhos observando a pessoa e a voz a envolvê-la. Dormindo ou acordada, trabalhando ou comendo, dentro ou fora de casa, no banho ou na cama – não havia saída. Com exceção dos poucos centímetros que cada um possuía dentro do crânio, ninguém tinha nada de seu (ORWELL, 2013, p. 38-9).

Com a inexistência de uma oposição organizada efetiva, que pudesse dar visibilidade à descrença dos “proletas” e dos membros externos no Socing, a vida das pessoas vai sendo alterada de tal forma que, com o passar do tempo, não havia como lembrar como o passado se parecia, tal a força da manipulação propagandística estabelecida pelo partido.

O segundo modo de veiculação de propagandas no romance são os discursos dos membros do núcleo do partido, direcionados à população e aos membros externos do partido, principalmente durante as execuções dos acusados de traição ao Grande Irmão – atos que aconteciam ao menos uma vez por mês – ou na Semana do Ódio, quando todos eram compelidos a demonstrar sua devoção ao Socing e sua repulsa aos desfavoráveis.

A Semana do Ódio se caracteriza como estratégia do Socing para enfraquecer os membros do partido que poderiam tentar se insurgir. Não bastando os Dois Minutos de Ódio diários, a Semana do Ódio mobiliza todos em torno da condenação dos ‘inimigos objetivos’ e da sublimação do líder.

O ódio e a incitação a ele são perenes na obra orwelliana. Como a população vive sob constante vigilância e repressão (principalmente os 15 por cento da população que fazem parte do partido), não é estranho que sintam emoções negativas, como uma violenta frustração por não poder agir conforme seus desejos. Consciente dessa situação, o Socing procura canalizar esses sentimentos negativos contra supostos inimigos, possibilitando uma catarse

com alvos fornecidos pelo partido. Desse modo, não é difícil compreender a aceitação dos discursos de ódio contra os alvos criados pelo Socing – ora a Lestásia, ora a Eurásia, ora os supostos traidores do partido e ainda o grande oponente, Emmanuel Goldstein.

As preparações para a Semana do Ódio consumiam praticamente todo o tempo disponível que os membros possuíam para descansar longe do trabalho. Friedrich e Brzezinski argumentam que os partidos totalitários possuem essa característica, que consiste em manter seus membros sempre cansados demais para pensarem em movimentos contrários ao partido:

No decorrer dessas operações de massa os membros do Partido fazem agitação, propaganda e trabalham em prol do cumprimento das tarefas estabelecidas. Fazem-no após o trabalho, nos intervalos de almoço e nas horas vagas. Dão assim, exemplo às massas com sua energia, espírito de sacrifício e total devoção ao dever. Tudo isso, naturalmente, consome muito tempo e é exaustivo (FRIEDRICH & BRZEZINSKI, 1963, p. 38).

Orwell deliberadamente insere alterações súbitas na obra para mostrar o que ele próprio percebia no cerne das políticas totalitárias de sua época: “Ele configura dogmas inquestionáveis e altera-os diariamente. Ele precisa de dogmas, porque ele precisa de absoluta obediência de seus súditos, mas não pode evitar as mudanças, que são ditadas pelas necessidades da política de poder” (ORWELL, 1971, p. 91)⁴. Assim, no sexto dia da Semana do Ódio, um orador, membro do núcleo do partido, começa a discursar afirmando que a Oceânia estava, na verdade, em guerra contra a Lestásia (e não com a Eurásia, como se afirmava até o momento anterior). Todas as faixas, bandeiras e pôsteres que indicavam o contrário são rapidamente substituídos, de acordo com a mudança e o povo, que se aglomerava para ouvir o discurso, e, também, para ver as execuções, parecia não entender o que havia acontecido.

A descrição do orador que se dirige à multidão de rostos ansiosos pelas notícias se assemelha às filmagens de Hitler se dirigindo ao povo:

O pequeno personagem lembrava Rumpelstiltskin; contorcido de ódio, pendurava-se ao microfone com uma das mãos e com a outra, enorme na ponta de um braço ossudo, dilacerava o ar, ameaçador. Sua voz, que os amplificadores tornavam metálica, atroava a praça, despejando um catálogo

⁴ It sets up unquestionable dogmas, and it alters them from day to day. It needs the dogmas, because it needs absolute obedience from its subjects, but it cannot avoid the changes, which are dictated by the needs of power politics.

infinito de horrores, massacres, deportações, saques, estupros, torturas de prisioneiros, bombardeio de civis, propagandas enganosas, agressões injustas, tratados rompidos. Era quase impossível ouvi-lo sem ficar primeiro convencido, depois irado (ORWELL, 2013, p. 216).

O discurso, bem como a *performance*, são apresentados no texto como técnicas fundamentais para a conversão e crença total ao partido, assim como ocorreu com os partidos totalitários na primeira metade do século XX na Europa. Seu estabelecimento se deveu, principalmente, a um discurso articulado que induziu as massas a apoiarem as medidas tomadas pelo governo, e à figura carismática e teatral de um ditador.

Sobre a questão do discurso, podemos vislumbrar duas características contrárias, mas não mutuamente excludentes: ele pode ser persuasivo e eficaz; por outro lado, a ‘verdade’ que o discurso constrói esconde outra ‘verdade’, isto é, ele silencia uma outra visão que, muitas vezes, é a crítica daquilo que produz. Pensemos nos EUA, por exemplo. Após o 11 de setembro, vimos uma caça incessante aos supostos inimigos da democracia e propagadores do terrorismo, liderados por Osama Bin Laden e Sadam Hussein. Žižek (2011) comenta que os EUA mesmos criaram esses inimigos, financiando suas lutas contra outros Estados (como o Irã dos aiatolás) mas, quando eles se voltaram contra os EUA, foram rotulados como fundamentalistas, terroristas, etc., sem nunca mencionarem tais relações de causa e efeito. Aqui está o silenciamento: no fato de os EUA não citarem sua relação de origem com esses ‘fundamentalistas’. Não se limitam a negar os fatos, excluem-nos como se não existissem.

A mentira parece-se com aquela criada pelas propagandas totalitárias do Soving ou com os expurgos comuns: nada é negado, simplesmente nunca existiu. Ironicamente, Žižek analisa essa situação ao citar o Talibã e a CIA:

E o que dizer do fato de a CIA ter colaborado na criação do Talibã e de Osama Bin Laden, financiando-os e ajudando-os a lutar contra os russos no Afeganistão? Por que esse fato foi citado como argumento contra o ataque a eles? Não seria mais lógico afirmar que o dever dos EUA era precisamente o de nos livrar do monstro que haviam criado? (ŽIŽEK, 2011, p. 71).

Por que negar algo, se se pode simplesmente obliterar a realidade? No caso da sociedade da Oceânia, há ainda uma garantia maior de a mentira ser aceita e se tornar a nova verdade: quem gostaria de passar pelas torturas no quarto 101, ou ser vaporizado por

questionar uma máxima do Grande Irmão? O discurso aliado à repressão violenta cria, desse modo, uma cortina de fumaça, muito densa para ser dissipada pelos frágeis dissidentes ou pelas massas (“proletas”), que permanecem sôfregas por sangue e pela punição daqueles que traem a confiança do generoso Grande Irmão.

Em 1984, o discurso articulado pelo Socing parece convencer a todos: todavia, uma pequena parte da população não se deixa persuadir com as falsidades aludidas pelas propagandas e por esses discursos. Não é possível observar uma resistência organizada no romance, embora muito se fale sobre a *confraria*⁵, um suposto grupo liderado por Goldstein e organizado em torno da premissa de retirar o Grande Irmão do poder e expor à população todas as suas mentiras. Na verdade, o que temos é uma espécie de resistência pulverizada entre os membros do partido. Dois dos personagens que representam essa resistência são Winston e Júlia, que se conhecem nos corredores do Ministério da Verdade, onde trabalham. O casal se une e descobre algo em comum: ambos desconfiam da veracidade expressa pelo Socing e pelo Grande Irmão.

Winston parece cético ao discurso do Grande Irmão e seu próprio trabalho lhe fornece indícios de que o discurso é apenas uma das inúmeras artimanhas do Socing para iludir a população. Em determinado momento, quando trabalha na reconstrução de notícias, o narrador descreve como Winston facilmente conseguia copiar o discurso do líder do partido e também sua mediocridade:

Winston refletiu por alguns instantes, depois puxou o ditógrafo para junto de si e começou a ditar no conhecido estilo do Grande Irmão: um estilo ao mesmo tempo militar e pedante e, graças a uma artimanha que consistia em formular perguntas e prontamente apresentar respostas para elas (“Que ensinamentos tiramos desse fato, camaradas? O ensinamento – que aliás é também um dos princípios do Socing – o de que” etc. etc.), muito fácil de imitar (ORWELL, 2013, p. 61).

Voltemos nosso interesse à dissidência, ainda que tímida, de Júlia. A jovem se destaca logo no início do romance pela aparente aceitação do partido, mas o texto logo revela sua repulsa violenta ao Socing por meio do comportamento avesso às regras do partido: sua vida

⁵ No original, *Brotherhood*. Embora acreditemos que o nome dado à organização contra o Big Brother (Grande Irmão) ser uma escolha lexical bastante irônica, justamente por possuir a palavra ‘brother’, os tradutores optaram pela palavra ‘confraria’ que, a nosso ver, não reflete tal ironia. Embora discordemos da escolha, utilizamos o termo ‘confraria’ nesse artigo.

sexual ativa, sua linguagem subversiva, enquanto ao lado de Winston, a aquisição de produtos no mercado negro (que eram proibidos aos membros externos do Socing), além de sua dissimulação constante. Entretanto, é possível reconhecer que Júlia se preocupa apenas com aquelas ações do partido que influenciam diretamente sua vida, nada mais:

Em certos aspectos ela era muito mais atilada do que Winston e muito menos suscetível à propaganda do Partido. Uma vez, quando por acaso, devido a um pretexto qualquer, ele mencionara a guerra contra a Eurásia, ela o surpreendera ao dizer despreocupadamente que em sua opinião aquela guerra não estava acontecendo. Que era provável que as bombas-foguetes que caíam diariamente sobre a cidade fossem disparadas pelo próprio Governo da Oceânia, “só para manter a população amedrontada”. Essa ideia jamais ocorrera assim, ao pé da letra, a Winston. Ela também despertara uma espécie de inveja nele ao dizer-lhe que durante os Dois Minutos de Ódio sua maior dificuldade era evitar cair na risada. Mas ela só questionava os ensinamentos do Partido quando eles interferiam de alguma maneira em sua vida. Muitas vezes dispunha-se a aceitar a mitologia oficial simplesmente porque a diferença entre verdade e mentira não lhe parecia importante (ORWELL, 2013, p. 183-4).

Se, por um lado, Júlia se configura como muito mais alerta e avessa à propaganda política do Socing, por outro parece completamente dominada pelas mentiras, pois não se interessa realmente por entendê-las ou mesmo separar realidade de mascaramento. Sua rebeldia é individualista ao extremo e, nesse momento, não considera o quadro social mais amplo. Nessa perspectiva, Winston se mostra mais vigilante e questionador, seguindo uma linha de investigação que deseja provar o embuste montado pelo Socing para manter as pessoas submissas. É interessante como Orwell mostra que, no contexto de massificação e de padronização impostos pelo partido, os atos que afirmam o individualismo são, aparentemente, a rebelião possível contra o Socing, mas é esse mesmo individualismo que mata no embrião quaisquer possibilidades de revolta com chance de vitória. Indivíduos podem ser facilmente esmagados e esquecidos na sociedade de *1984*, pois os movimentos que têm chance de alterar o estado das coisas são os de caráter coletivo.

O terceiro modo como as propagandas enganosas são veiculadas são os anúncios pela teletela. Embora somente os membros do partido fossem obrigados a manter a teletela doméstica ligada o tempo todo, as notícias se espalhavam e chegavam até as massas. Quando não chegavam, não fazia muita diferença, pois os “proletas”, devemos lembrar, eram tidos

como animais e não necessitavam acesso ao que acontecia nas camadas “superiores” da sociedade.

Os anúncios da teletela versavam, principalmente, sobre o crescimento da produção de alimentos, de produtos e de empregos na Oceânia, com a finalidade de afirmar o poder, a ideologia e comprovar os prognósticos que eram realizados pelo Grande Irmão, acerca de qualquer aspecto que fazia parte daquela sociedade. Arendt argumenta que essa ação é bastante comum nos partidos totalitários, pois “uma vez no poder, os líderes da massa cuidam de algo que está acima de quaisquer considerações utilitárias: fazer com que as suas predições se tornem verdadeiras” (ARENDR, 1989, p. 398). Isso se dá, principalmente, pelo controle das mídias.

Sobre isso, Žižek, ao comentar o sentimento de medo que seguiu as ameaças de ataque com antraz logo após o ataque terrorista ao *World Trade Center* em 2001, esclarece que uma guerra invisível teve início a partir daquele momento, mas que os indivíduos só tiveram acesso às notícias por meio das autoridades: “nós, cidadãos comuns, ficamos totalmente dependentes das autoridades para saber o que está ocorrendo: nada vemos nem ouvimos; tudo o que sabemos nos chega da mídia oficial” (2011, p. 57). Assim o é em *1984*. Todas as notícias chegam até a população por meio da mídia oficial controlada, obviamente, pelo Socing, isso porque, conforme comentam Friedrich e Brzezinski, “nas ditaduras totalitárias, praticamente toda a propaganda visa manter no poder o partido que a controla” (1963, p. 102).

Em relação à propaganda sobre a melhoria de condições de vida da população, Winston percebe, em diversos momentos, que elas são inverdades, porém, tem a nítida certeza de que todos aceitam as mentiras tranquilamente, enquanto ele pensa que é o único a ficar perplexo com as mentiras óbvias que presencia:

Foi informado de que houvera inclusive manifestações de agradecimento ao Grande Irmão pelo fato de ter elevado a ração de chocolate para vinte gramas por semana. Sendo que ainda ontem, refletiu, fora anunciada a *redução* da ração para vinte gramas por semana. Seria possível as pessoas engolirem aquela, passadas apenas vinte e quatro horas do anúncio? Sim, engoliram. [...] Winston era o *único*, então a possuir memória? (ORWELL, 2013, pp. 75-6, grifos do autor).

Talvez a pergunta que Winston devesse fazer é: será que estão todos fingindo como eu? Isto porque, na verdade, a repressão contra dissidentes é tão intensa na obra que não há

como determinar se todos que o cercam crêem nas mentiras do Socing ou se apenas fingem estar de acordo com elas para não sofrerem as sanções. Além disso, ao explicar o papel dos membros dos partidos totalitários de modo geral, Friedrich e Brzezinski comentam que a participação dos membros nas atividades propostas garante-lhes credibilidade e chances de ascensão:

Os membros do Partido são condicionados para se sentirem parte integrante de uma máquina construtiva, manejada por uma liderança dinâmica, e que realiza objetivos sem precedentes. Sua identidade pessoal se dilui na totalidade do Partido e o poder do Partido torna-se fonte de gratificação pessoal. O fato de essa gratificação tomar conseqüentemente a forma de promoções mais rápidas parece realçar ainda mais seu valor, enquanto uma sensação de unidade e integração muitas vezes obscurece os aspectos mais vis do sistema (FRIEDRICH & BRZEZINSKI, 1963, p. 38).

Apesar disso, a aceitação dos pressupostos do Socing é colocada em dúvida no romance, a todo o momento, por estratégias utilizadas pelo autor. Por exemplo, a ironia da sequência quando, após o anúncio sobre o chocolate e várias outras “melhorias”, como aumento na produção de roupas, comida, etc., Winston olha ao seu redor e observa que a comida tem gosto ruim, as roupas são gastas, os móveis velhos, os talheres encardidos, os cigarros insuficientes, os metrô lotados, as moradias mal aquecidas e desmoronando, etc. Além disso, um de seus colegas de trabalho, Parsons, aparentemente o mais eufórico em relação ao Socing comenta: “Não há dúvida de que o Ministério da Pujança trabalhou bem este ano” e então completa: “Aliás, Smith, meu garotão, será que você não tem uma *lâmina de barbear* para me passar? (ORWELL, 2013, p. 78, grifo nosso).

A ironia óbvia reside no fato de Parsons se rejubilar com as mentiras que acabaram de ser difundidas pelo Ministério da Pujança e pedir, em seguida, uma simples lâmina de barbear. Mas aqui sugerimos uma ironia ainda maior: estaria Parsons fingindo ser devotado ao Socing e deixado escapar, mesmo que imperceptivelmente, essa verdade? Todos os indivíduos reconhecem que não há leis na Oceânia, mas também sabem que devem obedecer à voz do Grande Irmão. Parsons, embora tenha a aparência e as ações de um imbecil, como o próprio protagonista observa, também sabe disso, portanto age de acordo com o Socing, mesmo que sua fidelidade seja apenas externa. Parsons usa sistematicamente a máscara da aceitação cega, mas quem pode dizer se, internamente, ele é sua máscara ou não?

Ao tratar das questões das máscaras sociais, Žižek cita as identidades que construímos nas redes sociais. Ele argumenta que, muitas vezes, a máscara é mais real do que aquilo que alguém é no seu dia a dia, ou seja, “as emoções que enceno através da máscara (a falsa *persona*) que adoto podem, de uma forma estranha, ser mais autênticas e verdadeiras do que admito sentir em meu foro íntimo” (2010, p. 44). Desse modo, voltando a Parsons, estaria ele usando uma máscara para esconder seus pensamentos proibidos ou, na verdade, essa máscara seria ele próprio obtendo um gozo obscuro na tolice subserviente ao Discurso do Mestre encarnado pelo Socing? Entretanto, denunciado pela própria filha, ele também desaparece.

Em 1984, o leitor tem uma noção de que as pessoas vivem em uma grande mentira reiterada pela mídia, que esconde a realidade e apregoa o sonho de todos: a de uma vida próspera e harmoniosa. Em um estudo recente sobre o futuro da China, país que utiliza a propaganda para manter seus habitantes sob controle, Žižek afirma que o que acontece nesse país se fundamenta nas regras stalinistas, isto é, “como a mídia oficial não noticia o problema, a maneira mais confiável de detectá-lo é procurar excessos compensadores na propaganda estatal, isto é, quanto mais se louva a ‘harmonia’, mais caos e antagonismos existem na realidade” (2012, s/p)⁶.

O incidente contraditório que envolve as propagandas e Parsons em 1984 é justamente um espelhamento do que o filósofo assinala: não existe problema simplesmente porque o problema não é noticiado. Quando apenas os benefícios são ressaltados pelo partido em suas propagandas, como provar o contrário? As propagandas são tão constantes e convincentes que parece uma incoerência não concordar com elas. Além disso, elas são fundamentadas sobre dados, números e pesquisas. Como poderia alguém duvidar disso? Compreendemos aqui o cientificismo da propaganda de que Arendt fala:

A forte ênfase que a propaganda totalitária dá à natureza “científica” das suas afirmações tem sido comparada a certas técnicas publicitárias igualmente dirigidas às massas. De fato, os anúncios mostram o “cientificismo” com que um fabricante “comprova” – com fatos, algarismos e o auxílio de um departamento de “pesquisa” – que o seu “sabonete é o melhor do mundo” (ARENDR, 1989, p. 394, grifos da autora).

⁶ Livro em formato ePub, por isso, não há como localizar a página.

Embora as propagandas alcancem grande parte da população, nem todos se deixam enganar. Winston é um desses indivíduos que desconfia da propaganda do partido não somente pelo contraste com o que ele observa a seu redor, mas também pelo próprio excesso de otimismo, de ufanismo e de loas ao partido que elas contém; desse modo, sua consciência invariavelmente chama a atenção para a destruição dos dados históricos de sua sociedade.

Essa característica de Winston se associa a um outro método de controle e ilusão, aliado às propagandas, utilizado pelo Socing: a manipulação da verdade. As propagandas já dissimulam a verdade, mas além delas, existem os apagamentos de notícias que não são pertinentes para o domínio do partido, como a destruição de jornais, revistas e documentos oficiais, a reimpressão de fotos com a inserção ou a exclusão de pessoas e a alteração e manipulação da literatura nacional.

Nos capítulos iniciais de *1984*, descobrimos que Winston trabalha em um dos quatro ministérios que compõem o partido, chamado de Ministério da Verdade. O narrador esclarece que o ministério é enorme e possui muitas salas e departamentos que se dedicam a reescrever o passado, tendo em vista que “a história não passava de um palimpsesto, raspado e reescrito tantas vezes quanto fosse necessário” (ORWELL, 2013, p. 54), e que, portanto, era passível de mudanças.

Winston observa várias vezes que o controle do passado é central para o Socing, o que está expresso em outra frase emblemática do partido: “Quem controla o passado, controla o futuro; quem controla o presente, controla o passado” (2013, p. 47). Na verdade, a prática de reinvenção do passado pelo Socing contribui para ninguém saber com precisão em que ano se encontravam ou nenhum fato histórico importante do país. Embora pareça absurdo o apagamento do passado, temos um exemplo disso nos estudos que comprovam os retoques fotográficos realizados durante o governo de Stalin na União Soviética, (KING, 1997).

A manipulação dos fatos jornalísticos, literários e históricos é comum em *1984*, até porque a instauração de uma política totalitária depende, dentre outras ações, do controle de todas as instâncias que possam impetrar dificuldades à sua realização. Žižek discute sobre o tema do totalitarismo e o compara a um chá verde bastante conhecido, cuja propriedade principal seria a de ser antioxidante e, conseqüentemente, combater os radicais livres. Em sua *boutade*, Žižek, ironicamente, conclui que a noção de totalitarismo seria “um dos principais

antioxidantes *ideológicos*, cuja função durante toda sua existência foi *controlar os radicais livres* e, assim, ajudar o corpo social manter sua saúde político-ideológica” (2013, p. 7, grifos do autor). Se compararmos essa premissa ao partido existente no romance orwelliano, concluímos que o totalitarismo expresso no romance é, de fato, um meio ideológico para combater os ‘radicais livres’, traduzidos nos indivíduos daquela sociedade, que almejam, de algum modo, se opor ao partido, sua produção literária e suas notícias jornalísticas anteriores à tomada do poder pelo Socing e seu passado histórico.

A descrição das funções do Ministério da Verdade, ou Miniver, mostra que elas estão intimamente ligadas ao combate dos ‘radicais livres’ da Oceânia. O ministério é dividido em setores e Winston trabalha no Departamento de Documentação, o qual tem a função de “abastecer os cidadãos da Oceânia com jornais, filmes, livros escolares, programas de teletela, peças dramáticas” (ORWELL, 2013, p. 57). Além dessas ações, o departamento se encarrega de “corrigir” as notícias, ou seja, de manipulá-las a fim de que elas reflitam à população o interesse do partido. Em relação a essa questão, Arendt (1989) comenta que os partidos totalitários procuram, de várias maneiras, mostrar à população que sua ideologia é verdadeira e única. Entretanto, como provar isso? Por meio da predição, de profecias que são inventadas, modificadas e reconstruídas pela propaganda totalitária:

O método da predição infalível, mais que qualquer outro expediente da propaganda totalitária, revela o seu objetivo último de conquista mundial, pois somente num mundo inteiramente sob o seu controle pode o governante totalitário dar realidade prática às suas mentiras e tornar verdadeiras todas as suas profecias (ARENDDT, 1989, p. 399).

Em 1984, as predições e seus ajustes são realizados por uma série de trabalhadores do Departamento de Documentação, sendo Winston um deles. Seu trabalho se resume a corrigir os prognósticos do Grande Irmão publicados que não se realizaram e que haviam sido publicadas em jornais, revistas e outros meios:

Tratava-se apenas de substituir um absurdo por outro. Quase todo o material com que lidavam ali era desprovido da mais ínfima ligação com o mundo real [...]. As projeções do Ministério da Pujança por exemplo, indicavam que a produção trimestral de botas chegaria a cento e quarenta e cinco milhões de pares. A produção efetiva ficara em sessenta e dois milhões. Ao reescrever as estimativas, porém, Winston baixara o número para cinquenta e sete milhões de pares, para dessa forma abrir espaço para as costumeiras

declarações de que a cota de produção fora superada. De todo modo, os sessenta e dois milhões de pares não se aproximavam da verdade do que os cinquenta e sete milhões ou os cento e quarenta e cinco milhões. Era provável que nem um mísero par de botas tivesse sido produzido. Mais provável ainda era que ninguém soubesse quantos pares haviam sido produzidos, nem fizesse questão de saber. O que se sabia sem sombra de dúvida era que todos os trimestres uma quantidade astronômica de botas era produzida no papel, enquanto possivelmente metade da população da Oceânia andava descalça pelas ruas. E assim acontecia com todos os tipos de fatos documentados, importantes ou não. Tudo ia empalidecendo num mundo de sombras em que por fim, até mesmo o ano em que estavam se tornava incerto (ORWELL, 2013, pp. 55-6).

Como podemos observar pela descrição que o narrador faz, Winston não vê essa manipulação de modo positivo; para ele, as atividades realizadas em seu departamento denotavam a irrealidade em que todos estavam imersos na Oceânia. Mas, ao mesmo tempo em que o vemos criticar tais falsidades, também observamos como ele se satisfaz com seu trabalho:

O trabalho era o maior prazer da vida de Winston. Suas tarefas compunham uma rotina enfadonha, mas vez por outra apareciam incumbências que, de tão difíceis e intrincadas, faziam-no correr o risco de perder-se nelas, como nas profundezas de um problema matemático. Eram obras delicadíssimas de contrafação, sem orientação alguma além de sua familiaridade com os princípios do Socing e uma ideia aproximada do que o Partido queria que fosse dito. Winston era bom nesse tipo de coisa (ORWELL, 2013, p. 58).

O leitor vislumbra, na personagem de Winston, duas contradições bastante evidentes:

a) Ele está ligado ao partido e às suas premissas, embora não consiga compreender isso. Provas dessa primeira hipótese podem ser observadas quando Winston deposita suas esperanças nos “proletas”, mas, ao mesmo tempo, critica a passividade e falta de interesse deles pelas questões políticas; quando se compraz com seu trabalho, mesmo sabendo que se trata de uma falsificação da verdade; e quando deposita em O’Brien sua confiança, mesmo sabendo que ele é um membro interno do partido.

b) Winston procura compreender o partido de forma mais meticulosa para poder entender o passado, a história em si, mas acaba se envolvendo demais com os ideais do partido e se perde. As provas dessa outra hipótese podem ser verificadas quando Winston escreve um diário como forma de registrar os acontecimentos, o qual irá, mais tarde,

contribuir para provar sua deslealdade ao Socing. O fato de trabalhar com a escrita no Departamento de Documentação coloca-o, de certo modo, como criador ou, pelo menos, registrador da história.

Essas contradições de Winston reforçam nossa percepção de como o cerceamento do totalitarismo pode ser efetivo na conquista das mentes dos sujeitos; porém, o protagonista luta contra o controle totalitário até sua aniquilação como indivíduo.

3. Considerações finais

Arendt (1989) argumenta que as massas são nada mais que indivíduos neutros ou indiferentes para com a política, que nunca antes se comprometeram com assuntos políticos, sem filiação partidária ou que não exercem o poder de voto. Diante disso, a manipulação por meio de discursos bem arranjados, propagandas enganosas e promessas absurdas é bem desempenhada.

Sem ter como questionar aquilo que lhes é apresentado, a população segue alheia aos desmandos do partido, aceitando passivamente o governo controlador do Socing. Do mesmo modo, para sustentar seu poder, o Socing põe-se a criar propagandas e uma série de ações midiáticas que emprestam relativa credibilidade às mentiras por ele inventadas.

Winston, o protagonista da trama, segue em sua busca pela verdade, sem saber ao certo que verdade é esta. Influenciado diariamente pelo controle totalitário do Socing, a personagem parece entrar em contradição em diversos momentos, denotando o poder que a propaganda maciça veiculada pelo partido exerce na vida dos indivíduos, mesmo aqueles que se manifestam contrários ao regime político.

Observa-se que o cerceamento é intenso e escapar é praticamente impossível, uma vez que o controle midiático é apoiado por uma estrutura repressiva violenta e bem organizada. Mesmo buscando alternativas para expressar-se de outra maneira – no caso de Winston, o diário – a pressão política é capaz de desestabilizar os sujeitos de modo que as perspectivas de desmonte do partido, ou ao menos do discurso deste, são tão pulverizadas.

Ainda assim, há sutilezas na obra, como a referida questão da máscara de Parsons. Se até mesmo essa personagem termina seus dias como “traidor do partido”, denunciado pelo próprio filho, há duas leituras possíveis: Parsons ou é uma reiteração de Winston, executando

um duplipensar que mantém uma postura crítica ao Socing enquanto mantém as aparências, até que o sistema totalitário de controle descobre a sua “falha” e o destrói, ou é o caso modelar do sujeito que encontra na submissão ao totalitarismo seu gozo imbecil – e é destruído pelo sistema que não tolera o gozo em nenhuma de suas formas.

A vitória do Socing é, portanto, a vitória não apenas da repressão e do controle, mas a da obliteração da História. No romance, propaganda e História são polos opostos, a primeira difundida pelo poder instituído, a segunda defendida apenas pela frágil memória de sujeitos sob perene suspeita. A História é representada como a única força (maior inclusive do que a do amor, ou do desejo, que uniu Winston e Júlia) capaz de conferir consciência e autonomia aos sujeitos e, portanto, de criar algum tipo de resistência ao totalitarismo.

Referências

ARENDDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. Tradução e Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ASH, Timothy Garton. *A permanência de George Orwell*. Tradução Luiz Roberto Mendes Gonçalves, 2001. Disponível em: <<http://biblioteca.folha.com.br/1/14/2001070801.html>>. Acesso em: mar. 2017.

COGGIOLA, Osvaldo. *A Segunda Guerra Mundial: Causas, Estrutura, Consequências*. São Paulo: Livraria da Física, 2015.

FRIEDRICH, Carl J.; BRZEZINSKI, Zbigniew. *Totalitarismo e autocracia*. Tradução Donaldson M. Garschagen. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1963.

HITCHENS, Christopher. *A vitória de Orwell*. Tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: O breve século XX*. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KING, David, *The Commissar Vanishes: The Falsification of Photographs and Art in Stalin's Russia*. London: Metropolitan Books Henry Holt and Company, 1997. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/books/first/k/king-commissar.html>>. Acesso em: set. 2017.

ORWELL, George. Literature and Totalitarianism. In: *The Collected Essays, Journalism and Letters of George Orwell*. Vol. II: My Country Right or Left 1940-1943. Middlesex: Penguin Books, 1971.

ORWELL, George. *1984*. Tradução Alexandre Hubner e Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

PAVLOSKI, Evanir: “A Reconstrução Ficcional da História em 1984 de George Orwell” In: *Revista de Letras*, vol. 15, no. 17. Curitiba, UTFPR, 2013. Acessado em 05/03/2018.

PIZA, Daniel. Fora da Utopia. In: ORWELL, George. *Dentro da baleia e outros ensaios*. Tradução José Antonio Arantes. São Paulo: Companhia das Letras, 1984.

QUINN, Edward. *Critical Companion to George Orwell: A Literary Reference to His Life and Work*. New York: Facts on File, 2009.

ŽIŽEK, Slavoj. *Como ler Lacan*. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ŽIŽEK, Slavoj. *Bem-vindos ao deserto do Real! Cinco Ensaios sobre o 11 de Setembro e Datas Relacionadas*. Tradução Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2011.

ŽIŽEK, Slavoj. *Vivendo no fim dos tempos*. Tradução Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo, 2012.

ŽIŽEK, Slavoj. *Alguém disse totalitarismo? Cinco intervenções no (mau) uso de uma noção*. Tradução Rogério Bettoni. São Paulo: Boitempo, 2013.